

TRAGÉDIA NA ESTRADA

Fãs dão adeus a Aleksandro

Corpo do cantor que formava dupla com Conrado, morto no último sábado, foi velado ontem e será sepultado hoje em Londrina

» RICARDO DAEHN

Morto em acidente de trânsito, com o tombamento de um ônibus na rodovia Régis Bittencourt (à altura do município paulista de Miracatu), o cantor sertanejo Luiz Aleksandro Talhari Correia teve o corpo velado (e será sepultado), em Londrina, Paraná. O velório foi na noite de ontem no Ginásio de Esportes Luiz Bom, enquanto o enterro será no Cemitério e Crematório Parque das Allamandas, com a esperada comoção de fãs, a partir das 10h de hoje.

Aparentemente machucado com ferimentos leves, ocasionados pelo tombamento do ônibus de apoio dos sertanejos, o artista Conrado, que formava a dupla Conrado & Aleksandro, João Vitor Moreira Sales, 27 anos, foi encaminhado para o Hospital Regional de Registro (SP). Segundo atualização do boletim médico, o estado dele é grave, e o paciente ocupa leito de UTI, em quadro estável, com atenções voltadas para a evolução da situação. Ele foi a primeira vítima a ser socorrida do ônibus e encaminhado ao hospital, a princípio, com ferimentos leves. Ao dar entrada na unidade, foi avaliada a necessidade de duas cirurgias: uma de controle de sangramento e outra para correção de fratura da bacia.

Entre os 12 feridos, a maior parte teve breve passagem pelo hospital. No mesmo hospital de Conrado, está o músico Júlio César Lopes, que passou por duas cirurgias e enfrenta grave situação de saúde. Dois outros

Instagram/Reprodução



Cantor fazia questão de expressar as raízes rurais, tanto em vídeos nas redes sociais quanto nas vestimentas que usava nos shows

músicos integrados aos trabalhos dos sertanejos, Mazio Allan Anibal e Roger Aleixo Calcagno morreram e tiveram velório no Paraná, enquanto Wisley Novais, guitarrista, teve o corpo velado em Sandovalina (SP).

A dupla Conrado & Aleksandro vinha de um show feito, na sexta, em Tijucas do Sul (região

metropolitana de Curitiba) — no que classificaram como sucesso, diante da “energia sensacional”, como postado nas redes sociais da dupla — e seguia rumo a outra apresentação, prevista para o sábado, em São Pedro (interior de SP). Grande parte da equipe dos shows estava dormindo, quando o acidente ocorreu, na

manhã de sábado. Segundo relatos, muitos foram acordados, a partir dos gritos do motorista que se viu surpreendido com o estouro do pneu dianteiro esquerdo do veículo.

Muitas vítimas foram prensadas, quando do tombamento no canteiro central da rodovia. Um vídeo, repassado na internet,

mostrou o ônibus em alta velocidade, pela estrada, horas antes do acidente.

Formado em agronomia, e nascido em Dourados (MS), Aleksandro, que tinha uma legião de fãs paranaenses, morava em Londrina. Ele também tinha uma fazenda muito sofisticada no Pantanal, em que várias

vezes foi fotografado ao lado da esposa Tatiele Toro e dos filhos pequenos Maya e Noah.

Com o amigo Conrado (há três anos integrante da dupla), Aleksandro era o fundador de Conrado & Aleksandro, originalmente formada em 2003, ao lado de Conrado Bueno.

O artista foi criado no ambiente rural, nas propriedades da família de criação de bois e cultivo de pasto. O sertanejo se orgulhava das atividades no campo e postava nas redes sociais a afinidade. Em diversos vídeos, Aleksandro aparece como boiadeiro, conduzindo e fazendo a guarda do gado.

No figurino para os shows, o cantor também homenageava a sua raiz rural. Ele sempre era visto de botas de cano alto e chapéu largo. Como lazer, além de cuidar do campo, Aleksandro costumava jogar golfe. No terreno onde morava, havia um espaço reservado para a prática do esporte e uma pista de pouso para pequenos aviões.

Aleksandro formou a dupla com Conrado quando tinha 15 anos. No início da carreira musical, eles costumavam se apresentar em bares e restaurantes próximos a cidade de Dourados, além de eventos sertanejos. Na época, as letras autorais dos artistas começaram a se tornar conhecidas na região.

A dupla contabilizava mais de 385 milhões de visualizações nas plataformas da internet. Entre os sucessos gravados para Plano B, em 2011, estava a faixa *Certos detalhes*, feita em parceria com Luan Santana. (Colaborou Luana Patriolino)

VIOLÊNCIA

Parlamentares investigam ataques contra ianomâmis

» DEBORAH HANA CARDOSO
» TAÍSA MEDEIROS
» VICTOR CORREIA

Deputados e senadores tomaram, na semana passada, medidas para investigar as denúncias de violência contra a comunidade de Araçá, na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, incluindo o possível estupro e homicídio de uma menina de 12 anos. A Câmara dos Deputados aprovou na última quinta-feira, a criação de uma comissão externa de acompanhamento, enquanto o Senado enviará nesta semana uma comitiva parlamentar para verificar a investigação em curso e as medidas tomadas para proteção dos ianomâmis.

A comissão externa da Câmara foi proposta pela deputada Erika Kokay (PT-DF) e pela única indígena na Câmara, Joenia Wapichana (Rede-RR), com apoio de outros parlamentares. “Ninguém pode ficar indiferente a isso”, disse Wapichana em plenário, na última quinta. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), criará a comissão nesta semana e indicará seus membros.

Segundo o requerimento, o objetivo da comissão é “acompanhar, fazer diligência e propor providências ante a situação de violências e violações a que estão sendo submetidas crianças, adolescente e mulheres da comunidade Aracá, região de Waikás, na Terra Indígena Yanomami, no estado de Roraima”.

No Senado, o presidente da Comissão de Direitos Humanos, Humberto Costa (PT-PE), quer formar uma comitiva parlamentar, com deputados e senadores, para apurar as recentes denúncias de violência praticadas contra os yanomâmis.

O parlamentar pediu ao presidente do Congresso Nacional, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), na semana passada, que interceda por uma logística e segurança do grupo. Por ser uma região com conflitos e de difícil acesso, a comitiva precisará do apoio da Força Aérea e demais órgãos federais

Drama indígena

As agressões à etnia ianomâmi são históricas. Nos últimos dias, um novo confronto ganhou repercussão na opinião pública e chamou a atenção de autoridades em Brasília. No Congresso, parlamentares se mobilizaram para auxiliar os indígenas no confronto com garimpeiros. Veja o que foi feito até aqui.

Na Câmara

- Foi criada a Comissão externa para acompanhar as denúncias de violência contra indígenas na Terra Yanomami.
- O que diz o requerimento: “Diante de toda essa escalada de violência, a Câmara dos Deputados tem o dever de monitorar como estão sendo desenvolvidas as ações governamentais para esses povos”.

No Senado

- Foi solicitada a criação de uma comitiva parlamentar, para ir até o local na próxima semana, realizar diligências no território.
- O que diz o requerimento: “Este colegiado tem de ir presencialmente àquela região para acompanhar as medidas que estão sendo tomadas para preservar esta comunidade e, também, tomar as ações necessárias para garantir o cumprimento dos direitos invioláveis deste Povo”.



Quem são os ianomâmis

A Terra Indígena Yanomami é a maior do país, com cerca de 10 milhões de hectares. Nela, mais de 28 mil indígenas vivem, distribuídos em 371 comunidades.

As lutas dos ianomâmis:

Há décadas, a região é explorada por garimpeiros. A estimativa é que existam 20 mil invasores no território. Os indígenas também lutam contra a destruição dos rios e da floresta, a disseminação de doenças e a falta de segurança das comunidades.

para realizar o reconhecimento do local. A ideia é de que as diligências partam na quarta e na quinta-feira.

“O senador (Humberto Costa) quer realizar as diligências de investigação sobre infanticídio, homicídio, estupro, desaparecimento de indígenas, entre outros crimes, tanto em Boa Vista quanto na área de conflito entre o garimpo ilegal e os indígenas”, diz comunicado enviado à imprensa por Pacheco. Mesmo após os ianomâmis terem sido encontrados, na última sexta-feira, em uma área de floresta, o pedido de realização de uma comitiva dos congressistas segue em pauta.

Denúncias

A movimentação parlamentar acontece após denúncias de possíveis violências praticadas por garimpeiros que exploram ilegalmente a região. Na sexta-feira, a Polícia Federal de Boa Vista, Roraima, esclareceu, em coletiva, que não há indícios dos crimes denunciados pela comunidade Araçá, mas montou uma base de operações que deve permanecer no local até o fim de maio. Segundo a corporação, também não há indícios sobre a denúncia de estupro e homicídio de uma menina de 12 anos,

que teriam sido cometidos por garimpeiros.

Conforme nota da Polícia Federal, a tese inicial é que as denúncias da comunidade “se originaram de um vídeo institucional de uma ONG. Este foi assistido por um indígena que repassou as informações a outro. Este segundo indígena inferiu, a partir dos elementos que tinha, que membros de sua comunidade teriam sido vítimas da violência apresentada no vídeo”.

A Hutukara Associação Yanomami divulgou uma nota da comunidade Araçá, no mesmo dia, afirmando que os casos que vieram a público e são investigados

estão longe de serem os únicos, e pedem uma apuração mais profunda dos episódios de violência na região.

Segundo a associação, relatos de indígenas que moram no local apontam “reiterados depoimentos de violência sexual em série”. O documento também cita alguns casos apurados, omitindo o nome das vítimas.

Um deles envolve a morte de um indígena durante uma briga em 2017, “fomentada pela distribuição de cachaça por garimpeiros aos indígenas”. Outro caso citado envolve a exploração sexual, por garimpeiros, de uma garota de 16 anos, que

sofreu sequelas e desenvolveu uma deficiência física permanentemente devido aos abusos.

Para a associação que representa os ianomâmis, “as denúncias sobre Araçá só podem ser compreendidas dentro desse cenário, no qual metade das aldeias da Terra Indígena Yanomami está sujeita ao assédio dos invasores”.

A entidade pede maior ação do poder público e critica a União por não cumprir ordem do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1) em 2020 para retirada dos garimpeiros ilegais da região.

Finalmente, a Hutukara Associação Yanomami defende que as investigações devem contar com “participação continuada de especialistas com formação técnica em antropologia, com domínio da língua, e durar tempo suficiente para que os fatos sejam analisados com a profundidade que merecem”.

Fiscalização

Para a professora da Escola de Políticas Públicas e Governo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Graziella Testa, os parlamentares não apenas investigarão as denúncias de violência, como também a atuação do Executivo no caso.

“A função do Legislativo, para além de legislar, é fiscalizar o Executivo”, afirma a professora. “Nesse caso especificamente, além de apurar o que aconteceu, a comissão externa de acompanhamento vai investigar como se comportou o Executivo e se é razoável, esperado, que assim tivesse se comportado.”

“Os parlamentares podem também direcionar emendas parlamentares ou recursos em geral para a defesa de causas ou de questões relacionadas aos povos indígenas. Mas a execução da política pública é função do Executivo. Quanto a isso, o Legislativo não pode fazer nada”, diz Graziella.